

**A FÉNIX ISLÂMICA
O ESTADO ISLÂMICO
E A RECONFIGURAÇÃO DO MÉDIO ORIENTE**
Loretta Napoleoni

Tradução ~ Isabel Castro Silva

*Quando saíres a caminho da ida para Ítaca,
faz votos para que seja longo o caminho,
cheio de aventuras, cheio de conhecimentos.*

KONSTANDINOS KAVAFIS



A fénix islâmica
O Estado Islâmico e a reconfiguração do Médio Oriente
Loretta Napoleoni

Título original: *The Islamist Phoenix. The Islamic State
and the Redrawing of the Middle East*

1.ª edição: Outubro de 2015

© Ítaca, 2015

© Loretta Napoleoni, 2014

Publicado originalmente por Seven Stories Press, Nova Iorque, EUA, 2013

Publicado por especial acordo com a Seven Stories Press, juntamente com a sua
agente Villas-Boas & Moss Literary Agency and Consultancy

Tradução: Isabel Castro Silva

Revisão: Madalena Fragoso

Design: Susana Cruz

Capa e paginação: Ítaca

Imagem da capa: Bandeira do Estado Islâmico

Impressão: Europress

ÍTACA

CALÇADA CONDE DE PENAFIEL, 28 – 2.º D.º

1100-158 LISBOA

EDITORIAL@ITACA.PT

WWW.ITACA.PT

Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido nem transmitido, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou outros, sem autorização prévia por escrito da Editora.

ISBN 978-989-99470-0-9

DEPÓSITO LEGAL 399908/15

*Para o Giuseppe
Obrigada pelo teu apoio*

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| Nota sobre a terminologia | 9 |
| Introdução | 13 |
| Prólogo: Uma nova espécie de terrorismo? | 21 |
| I ~ De al-Zarqawi a al-Baghdadi | 25 |
| O legado de al-Zarqawi | 26 |
| A cintura de Bagdade | 29 |
| Al-Baghdadi, o profeta moderno | 31 |
| O Estado Islâmico do Iraque e do Levante | 33 |
| II ~ Ensaios para o califado | 37 |
| A versão moderna da guerra por procuração | 38 |
| A privatização do terrorismo | 44 |
| A implantação do primeiro Estado-concha islâmico na Síria | 47 |
| À procura do consenso dentro do Estado-concha | 49 |
| III ~ O paradoxo da nova Roma | 53 |
| A violência como instrumento | 55 |
| Roma, a Tróia moderna | 59 |
| O grande desafio do califado | 62 |
| IV ~ A fénix islâmica | 65 |
| A criação de um super-terrorista | 66 |
| O poder das redes sociais | 68 |
| O canto de sereia do califado | 73 |
| A versão moderna do salafismo | 76 |
| V ~ A jade moderna | 79 |
| Duas jades | 80 |
| A geografia da jade | 83 |
| VI ~ Salafismo radical | 87 |

| | |
|--|-----|
| VII ~ Os novos mongóis | 91 |
| <i>Al takfir</i> | 92 |
| A cegueira do Ocidente | 93 |
| O álibi religioso | 97 |
| VIII ~ Guerras pré-modernas contemporâneas | 99 |
| O desmembramento das nações árabes | 99 |
| Terceira Guerra Mundial | 102 |
| A redefinição do Estado moderno | 105 |
| Epílogo | 107 |
| Glossário | 111 |
| Agradecimentos | 123 |
| Notas | 125 |

NOTA SOBRE A TERMINOLOGIA

A subida ao poder da organização armada que, em Junho de 2014, assumiu o nome «Estado Islâmico» tem sido veloz e, até há pouco tempo, largamente ignorada. Nos últimos anos, o grupo mudou de nome várias vezes. Inicialmente fazia parte da organização al-Tawhid al-Jihad, de Abu Mussab al-Zarqawi, e mais tarde tornou-se o Estado Islâmico do Iraque (EII, ou ISI na sigla inglesa), que acabou por se fundir com a Al-Qaeda do Iraque. Em 2010, quando Abu Bakr al-Baghdadi subiu a líder, o grupo recuperou a sua antiga designação de Estado Islâmico do Iraque. Em 2013, após a sua fusão com a Frente al-Nusra, um grupo sírio jiadista filiado na Al-Qaeda, a organização passou a intitular-se Estado Islâmico do Iraque e do Levante (*al-Sham*), mais conhecida pelos acrónimos EIIL e EIIS (e pelos acrónimos ingleses ISIL ou ISIS).¹ Por fim, pouco antes da declaração do califado, o EIIS tornou-se o Estado Islâmico. Contudo, na Síria, logo desde o início, e hoje em dia também no Iraque, o grupo é conhecido simplesmente como *al Dawlat*, o Estado.

Cada novo termo corresponde a grandes progressos e importantes mudanças na vida da organização. Por esta razão, a semântica do Estado Islâmico é mais uma peça do *puzzle* político do Médio Oriente que o Ocidente e o mundo estão a tentar deslindar.

O termo *al-Tawhid al-Jihad*, muitas vezes traduzido como Monoteísmo e Jiade, transmite a noção de que Deus é tudo em toda a parte e que só é possível viver de acordo com os seus mandamentos. Assim, os muçulmanos consideram que o Estado Islâmico original – o primeiro califado, criado no século

VII pelo profeta Maomé e seus seguidores – era uma sociedade perfeita governada por mandato divino. Constituía, em suma, a expressão política da vontade de Deus. Hoje em dia, o gesto característico de *al-Tawhid* – levantar o indicador para o céu – tornou-se praticamente a saudação oficial do Estado Islâmico contemporâneo.

A transição do grupo al-Tawhid al-Jihad para o Estado Islâmico do Iraque coincidiu com os esforços do grupo armado de al-Zarqawi de se focar no Iraque, confinando a sua sede a este país enquanto ponto de partida para o restabelecimento do califado. Na mesma linha de raciocínio, a decisão de al-Baghdadi de acrescentar as palavras *al-Sham* – a antiga denominação árabe de Damasco e territórios adjacentes, onde os primeiros califas exerciam o poder – representou um passo em frente no percurso já encetado pelo seu predecessor, ao assinalar o início de um esforço transnacional para atingir o objectivo final da organização: a reconstrução do califado.

O nascimento do Estado Islâmico, o nome mais recente assumido pelo EIIS, apenas um dia antes da declaração do estabelecimento do califado, coincide com uma nova e portentosa fase de construção de uma nação [*nation-building*], que visa recriar as circunstâncias que, no século VII, conduziram à instituição da sociedade ideal do Islão.

Actualmente, os meios de comunicação e os políticos ocidentais recorrem a várias designações para se referirem à organização armada liderada por al-Baghdadi. A Casa Branca e Downing Street usam ISIL, ao passo que os *media* dos EUA preferem ISIS. A PBS, contudo, favorece *Islamic State*, e alguns *media* australianos adoptaram o termo *Islamic State Group*, para evitar a impressão de que se trata de um Estado em vez de uma organização armada. De um modo geral, em inglês, os acrónimos ISIS e ISIL soam melhor do que IS, donde a sua popularidade. A relutância dos políticos em recorrer à palavra «Estado» advém do medo de aceitar, mesmo que apenas com uma palavra, a reivindicação do Estado Islâmico de que não são uma organização terrorista mas sim um Estado

tornado legítimo por uma guerra de conquista e pelo consenso interno.

Ao longo deste livro, uso o termo «Estado Islâmico», pois é a designação que o grupo adoptou mais recentemente, sendo provável que continue a ser conhecido por ela. Na minha opinião, o termo «Estado Islâmico» transmite ao mundo uma mensagem mais realista do que EIIS ou EIII (em inglês, ISIS ou ISIL). Esta mensagem tem que ver com a determinação do grupo em construir uma versão bem-sucedida do califado no século XXI. Recorrer a acrónimos menos precisos por razões de propaganda, por exemplo, para ocultar a verdadeira natureza do Estado Islâmico, não nos ajudará a enfrentar a actual ameaça. Pelo contrário, o mais provável é que nos impeça, uma vez mais, de desenvolver uma estratégia *ad hoc* que traga uma paz duradoura ao Médio Oriente.

INTRODUÇÃO

Pela primeira vez desde a Primeira Guerra Mundial, uma organização armada está a redesenhar o mapa do Médio Oriente que franceses e britânicos traçaram. Travando uma guerra de conquista, o Estado Islâmico (EI, ou IS na sigla inglesa), antes conhecido como Estado Islâmico do Iraque e do Levante (*al-Sham*), EIIL ou EIIS (ISIL ou ISIS em inglês), começa a apagar as fronteiras que o acordo Sykes-Picot* estabelecera em 1916. Hoje em dia, a bandeira negra e dourada do EI adeja sobre um território maior do que o Reino Unido ou o Texas, das costas mediterrânicas da Síria ao coração do Iraque, a área tribal sunita. Desde finais de Junho de 2014, esta região tem vindo a ser conhecida como o Califado Islâmico², uma designação que deixara de existir com a queda do Império Otomano às mãos de Ataturk em 1924.

Muitos observadores ocidentais vêem no Estado Islâmico, como antes acontecia com a Al-Qaeda, uma organização anacrónica que tenta voltar atrás no tempo. Com efeito, os refugiados sírios e iraquianos têm descrito o uso que o Estado Islâmico faz do poder como não se distinguindo do regime talibã. Alguns cartazes anunciam que é proibido fumar e usar máquinas fotográficas; as mulheres não podem viajar senão na companhia de um homem da sua família, têm de andar cobertas e não podem usar calças em público.³ Ao mesmo tempo, o Estado Islâmico parece envolvido numa espécie de limpeza religiosa por via de um proselitismo agressivo. Os residentes no seu território que não fogem têm de adoptar o credo salafista radical ou são executados.